

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL



ANÁLISE DE FAKE NEWS SOB A ÓTICA INTERDISCIPLINAR ENTRE AS ÁREAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DA PSICOLOGIA

Deivid Sparrapan de Souza, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, <https://orcid.org/0009-0009-5479-4962>, Brasil, deivid.sparrapan@unesp.br

Rosangela Formentini Caldas, Universidade Estadual Paulista "Júlio De Mesquita Filho" - UNESP, <https://orcid.org/0000-0001-6020-9197>, r.caldas@unesp.br

Rubia Martins, Universidade Estadual Paulista "Júlio De Mesquita Filho" - UNESP, <https://orcid.org/0000-0002-9350-0973>, rubia.martins@unesp.br

Eixo: Perspectivas Epistemológicas

1 Introdução

O fenômeno das *fake news* consolidou-se como uma das principais expressões da desordem informacional contemporânea, impactando de forma profunda e transversal as dinâmicas sociais, políticas e cognitivas da cultura digital (Wardle & Derakhshan, 2017). Em contextos marcados por polarizações ideológicas, crises sanitárias e transformações tecnológicas aceleradas, a circulação de conteúdos falsos ou manipulados tornou-se um dos grandes desafios para a democracia, o debate público e a produção de conhecimento. A pandemia da COVID-19, por exemplo, evidenciou como a desinformação pode comprometer políticas de saúde pública, gerar hesitação vacinal e alimentar teorias conspiratórias que desestabilizam instituições (Melo et al., 2021; Cinelli et al., 2020). Da mesma forma, processos eleitorais no Brasil, nos Estados Unidos e em países da Europa foram marcados por campanhas de desinformação que mobilizam afetos e deslegitimam adversários políticos (Tucker et al., 2018; Arnaudo, 2017).

Fake news, termo popularizado para designar notícias falsas, fabricadas deliberadamente para enganar ou manipular o público — são

geralmente veiculadas com aparência de veracidade, mas carecem de comprovação factual ou evidência empírica. Já a desinformação refere-se a um fenômeno mais amplo, que envolve não apenas a criação, mas também a disseminação intencional ou acidental de informações falsas, enganosas ou fora de contexto, com o potencial de causar danos individuais ou coletivos. Ambas as expressões fazem parte de um ecossistema comunicacional em que a verdade factual cede espaço à eficácia simbólica e à ressonância emocional dos discursos.

Nos últimos anos, a emergência de tecnologias de inteligência artificial generativa, como *deepfakes* e modelos de linguagem capazes de simular discursos humanos, introduziu uma nova camada de complexidade ao ecossistema informacional. Essas ferramentas potencializam a criação automatizada de notícias falsas, dificultam a verificação de conteúdos e desafiam os limites entre o real e o fabricado (Weidinger et al., 2021). A abundância de informação, somada à lógica algorítmica das plataformas digitais, cria um cenário de *infoxicção* e de competição simbólica, no qual a verdade factual é frequentemente substituída por narrativas emocionalmente convincentes.

Diante desse cenário, este trabalho propõe uma análise interdisciplinar das *fake news*, articulando dois campos do saber: a Ciência da Informação e a Psicologia Social. A primeira volta-se para a compreensão dos fluxos informacionais, suas mediações, disputas e impactos sociais, reconhecendo que os processos de produção, circulação e apropriação da informação estão cada vez mais atravessados por dinâmicas sociotécnicas e culturais complexas; a segunda, especialmente por meio da Teoria das Representações Sociais, permite analisar como determinadas informações são internalizadas pelos sujeitos, transformando-se em crenças, atitudes e comportamentos (Moscovici, 1978; Jodelet, 2001). O entrelaçamento dessas duas áreas oferece um aporte teórico-metodológico para a compreensão da desinformação, consequência da disseminação de *fake news*, como fenômeno não apenas comunicacional, mas também cognitivo e afetivo.

Na Ciência da Informação, a informação é compreendida como um processo relacional que envolve tanto o emissor quanto o receptor, sendo filtrada pela subjetividade, pelas experiências prévias e pelo contexto sociocultural de cada indivíduo (Demo, 2000b; Capurro, 2007). Já no campo da Psicologia Social, as representações sociais são definidas como processos simbólicos por meio dos quais indivíduos e grupos atribuem significados ao mundo, reconfigurando o real de acordo com suas referências culturais e afetivas (Abric, 1998a). Assim, compreender como as *fake news* são interpretadas, ressignificadas e apropriadas exige uma análise que vá além do conteúdo em si e examine os contextos e os sentidos que os sujeitos constroem a partir dessas informações.

Este estudo toma como objeto empírico a produtora de conteúdo Brasil Paralelo, fundada em 2016 e marcada por uma atuação ideológica conservadora, voltada à reinterpretação da história, da ciência e da política brasileira a partir de uma perspectiva revisionista. A escolha dessa produtora se justifica por sua crescente influência nas redes

sociais digitais, seu alcance em escolas por meio de cursos e videoaulas, e pela recorrente veiculação de conteúdos que deslegitimam saberes científicos e instituições democráticas (Dias, 2019). Além disso, a Brasil Paralelo representa um exemplo concreto de como estratégias narrativas e recursos audiovisuais são utilizados para construir discursos que operam no campo da desinformação, especialmente ao tratar de temas psicológicos, emocionais e comportamentais.

A partir desse recorte, a pesquisa questiona: quais os impactos das *fake news* nas dinâmicas informacionais relacionadas à formação do pensamento social, e de que forma a Ciência da Informação e a Psicologia Social podem contribuir para a compreensão desses efeitos? Trata-se, portanto, de investigar como os conteúdos da Brasil Paralelo, sob o rótulo de “educativos” ou “formativos”, mobilizam representações sociais que contribuem para a simplificação de conceitos complexos, a polarização simbólica e a produção de sentido em torno de valores, crenças e identidades.

O objetivo geral deste estudo é analisar, a partir de uma abordagem interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Psicologia Social, as estratégias informacionais de produção e disseminação de *fake news* em conteúdos da Brasil Paralelo relacionados à psicologia. Como objetivos específicos, propõe-se: (a) mapear as estratégias discursivas utilizadas na construção de sentidos nos conteúdos analisados; (b) identificar representações sociais mobilizadas nos textos selecionados; e (c) discutir os impactos dessas estratégias na construção do pensamento social e na percepção de temas ligados à subjetividade humana.

O estudo parte da premissa de que a desinformação, especialmente quando travestida de conteúdo formativo, atua como mecanismo de disputa simbólica e de construção de hegemonias cognitivas. Por isso, torna-se essencial analisar como tais conteúdos são estruturados, quais sentidos produzem e como impactam os processos de formação subjetiva e coletiva. Ao integrar

aportes da Ciência da Informação e da Psicologia Social, o presente trabalho busca contribuir para o avanço de uma leitura crítica e interdisciplinar da desinformação, com vistas à promoção de práticas mais éticas, democráticas e reflexivas no campo da comunicação pública e da educação informacional.

2 Referencial Teórico

As *fake news*, enquanto fenômenos informacionais da cultura digital, exigem uma abordagem crítica e interdisciplinar. Van Dijck, Poell e De Wall (2018) destacam a plataformação da sociedade e a influência dos algoritmos na visibilidade dos conteúdos, aspecto aprofundado por Bucher (2018) e Crawford (2021). A teoria das representações sociais de Moscovici (1978) contribui para entender como essas informações são internalizadas socialmente, enquanto a Ciência da Informação, como aponta Schneider (2018), permite analisar os dispositivos que sustentam a desinformação e propor estratégias de educação crítica para enfrentá-la.

2.1 A desinformação no ecossistema digital: estrutura sociotécnica, algoritmos e espetáculo

O fenômeno das *fake news* tem ganhado notoriedade no debate acadêmico e social contemporâneo, especialmente pelo seu impacto nas esferas política, sanitária e cultural. As *fake news*, ou notícias falsas, podem ser compreendidas como conteúdos produzidos deliberadamente para enganar, manipular ou confundir, geralmente apresentando-se como se fossem informações legítimas oriundas de fontes confiáveis (Ávila, 2019). Trata-se, portanto, de uma forma intencional de distorção informacional, que busca afetar crenças, atitudes ou comportamentos individuais e coletivos por meio da aparência de veracidade.

No entanto, é importante distinguir *fake news* de outros fenômenos correlatos dentro do que se convencionou chamar de “desordem

informacional”. Nesse contexto, Wardle e Derakhshan (2017) propõem uma tipologia que diferencia a *misinformation* (informação falsa compartilhada sem intenção de causar dano), da *disinformation* (informação falsa criada e compartilhada com o objetivo explícito de causar dano) e da *malinformation* (informação baseada na realidade, mas utilizada fora de contexto ou de forma maliciosa). A desinformação, portanto, é uma categoria mais abrangente do que as *fake news* e inclui diversos tipos de conteúdo enganosos, manipulados ou fora de contexto, que circulam com ou sem intenção de causar prejuízo.

Além disso, no campo da Ciência da Informação, pesquisadores como Ávila (2019) destacam que a desinformação representa um desafio contemporâneo para a mediação do conhecimento, uma vez que rompe com os princípios tradicionais de autoridade, autenticidade e confiabilidade da informação. Nesse sentido, o combate às *fake news* e à desinformação não se limita à checagem de fatos, mas envolve o fortalecimento da competência crítica informacional, da educação midiática e da construção de ambientes sociotécnicos mais transparentes e éticos.

As *fake news* inserem-se em um contexto maior de desordem informacional (Wardle & Derakhshan, 2017), no qual informações imprecisas, enganosas ou fabricadas são disseminadas com alta velocidade e amplo alcance, particularmente nas plataformas digitais. Essa desordem tem sido especialmente notável em eventos de escala global, como as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, que revelaram o uso massivo de desinformação para manipulação de eleitores (Allcott & Gentzkow, 2017), ou ainda durante a pandemia de COVID-19, quando a circulação de informações falsas sobre vacinas, tratamentos e medidas sanitárias comprometeu políticas públicas e colocou vidas em risco (Cinelli et al., 2020).

Esses episódios evidenciam como a desinformação se manifesta em contextos de

alta complexidade comunicacional e tecnológica, nos quais o avanço da automação e da inteligência artificial generativa ampliam ainda mais os desafios para o discernimento entre o real e o falso. O surgimento de conteúdos hiper-realistas — como vídeos *deepfake* ou textos automatizados — dificulta essa distinção, configurando o que Baudrillard (1991) denominou “hiper-realidade”. Dessa forma, fica claro que a desinformação ultrapassa a simples questão do conteúdo, revelando-se como uma estrutura sociotécnica complexa, que envolve uma rede de práticas comunicacionais entrelaçadas.

Nesse cenário, o conceito de plataforma torna-se fundamental para compreender os mecanismos que sustentam a circulação dessa desinformação. Van Dijck, Poell e De Waal (2018) destacam que plataformas digitais como *YouTube*, *Twitter* (X) e *Facebook* operam sob uma lógica própria, na qual a circulação de informações, dados e interações sociais é organizada por critérios algorítmicos. Essas regras automáticas, pautadas por relevância, viralidade e engajamento, tendem a favorecer conteúdos sensacionalistas e polarizadores.

Portanto, ao analisar o fenômeno das *fake news*, torna-se imprescindível reconhecer o papel dos algoritmos e das plataformas digitais não apenas como canais neutros de transmissão, mas como agentes ativos na constituição e amplificação de informações, muitas vezes reforçando bolhas cognitivas e polarizações. Essa perspectiva amplia a compreensão da desinformação, integrando aspectos técnicos, sociais e políticos que atuam conjuntamente nesse complexo ecossistema informacional.

Nesse sentido, o fenômeno das *fake news* se vincula à performatividade algorítmica (Bucher, 2018), pois os algoritmos não apenas ordenam a informação, mas participam ativamente da sua constituição como fato social. Eles operam como “agentes não humanos” que influenciam os fluxos informacionais com base em padrões de consumo e comportamento, reforçando

bolhas cognitivas e reduzindo a diversidade de perspectivas.

Dessa forma, os algoritmos não apenas organizam, mas também moldam a realidade informacional ao amplificar conteúdos que geram maior engajamento, favorecendo a propagação das *fake news* e a formação de bolhas cognitivas que restringem a diversidade de perspectivas e dificultam o diálogo construtivo na esfera pública.

A desinformação se ancora também na lógica da economia da atenção (Davenport & Beck, 2001), que valoriza o conteúdo não por sua veracidade, mas por sua capacidade de capturar o olhar do usuário. O excesso de informação no ambiente digital leva à escassez de atenção, tornando-a um bem valioso que as plataformas disputam. Assim, conteúdos com forte apelo emocional, simplificações ideológicas ou teorias conspiratórias têm mais chances de serem disseminados.

Nesse contexto, o que Debord (1997) descreveu como sociedade do espetáculo transforma-se no que Ventura (2020) chama de infoespetáculo: uma realidade mediada por imagens e narrativas dramáticas que obscurecem a análise crítica. O consumo de *fake news* está, portanto, relacionado ao desejo de pertencimento simbólico, à identificação afetiva com discursos e à necessidade de afirmar visões de mundo previamente consolidadas.

2.4 Ciência da Informação: a ambivalência da informação e os fluxos simbólicos

A Ciência da Informação contribui significativamente para compreender a complexidade do fenômeno. Segundo Demo (2000), a informação é uma construção ambivalente que transita entre o emissor e o receptor, atravessada pela subjetividade, contexto e intencionalidade. Floridi (2010) aprofunda essa visão ao propor a *Informação como Realidade*, indicando que aquilo que se compartilha e consome na rede não é mero

dado, mas estrutura o modo como o real é percebido e vivido.

Nesse sentido, a desinformação precisa ser compreendida como um componente ativo da formação simbólica da realidade social. Capurro (2003) aponta que o processo informacional é sempre situado eticamente, pois envolve escolhas, interesses e disputas por significado. Isso significa que a *fake news* não é apenas um erro ou uma mentira, mas um produto comunicacional estratégico dentro de um ecossistema de disputa simbólica.

Dessa forma, compreender a desinformação exige ultrapassar a lógica da simples verificação factual e adentrar os modos pelos quais os conteúdos informacionais são produzidos, distribuídos e apropriados socialmente. A dinâmica da desinformação revela tensões entre saber e poder, linguagem e ideologia, interesse e manipulação, o que exige uma abordagem crítica que reconheça a informação como elemento central na construção das subjetividades e da experiência social contemporânea.

2.5 Psicologia Social e a Teoria das Representações Sociais

Sob o ponto de vista da Psicologia Social, a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2003) é fundamental para compreender como os indivíduos assimilam, ressignificam e compartilham conteúdos falsos ou distorcidos. Essa teoria propõe que os indivíduos não absorvem informações de maneira neutra ou passiva, mas interpretam os dados com base em esquemas cognitivos e simbólicos que refletem suas experiências sociais, crenças e valores previamente internalizados. As representações sociais constituem, assim, sistemas de significados partilhados coletivamente, que funcionam como formas de conhecimento do senso comum, orientando práticas cotidianas, posicionamentos e julgamentos morais.

De acordo com Abric (1998b, p. 125), as representações sociais são “o produto e o processo de uma atividade mental pela qual o indivíduo ou grupo reconstitui o real com que se confronta e lhe atribui uma significação específica”. Isso significa que não há uma relação direta e objetiva entre o sujeito e a realidade: tudo aquilo que é percebido passa, necessariamente, por um processo de interpretação simbólica. Nesse contexto, a assimilação de *fake news* se insere em um campo de disputa entre significados, no qual a veracidade fática tem menos peso do que a ressonância afetiva e identitária do conteúdo.

Dois mecanismos fundamentais sustentam o funcionamento das representações sociais: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem consiste na inserção de uma nova informação em categorias pré-existentes do pensamento social; ou seja, um conteúdo novo é compreendido e aceito mais facilmente quando pode ser associado a algo familiar. Já a objetivação refere-se à transformação de conceitos abstratos em imagens concretas, facilitando a circulação de ideias por meio de narrativas visuais, símbolos e metáforas acessíveis ao senso comum. As *fake news* se valem amplamente desses mecanismos, uma vez que reformulam temas complexos — como ciência, política ou saúde — em termos simples, emocionais e facilmente assimiláveis.

A circulação de *fake news* sobre temas como política, religião ou ciência se aproveita dessas estruturas representacionais para legitimar narrativas que reforçam ideologias preexistentes, preconceitos históricos e medos coletivos. Ao serem disseminadas em ambientes digitais, essas informações falsas não atuam apenas como conteúdos desatrelados da realidade, mas como vetores de coesão simbólica entre indivíduos que compartilham as mesmas crenças. A adesão a uma *fake news* não depende necessariamente de sua veracidade, mas do quanto ela reforça ou confirma visões de mundo já cristalizadas.

Narrativas conspiratórias, por exemplo, associadas à vacinação, à defesa da liberdade individual ou ao negacionismo científico,

ilustram como certos grupos utilizam as representações sociais para sustentar discursos de desconfiança em relação a instituições formais. A crença de que vacinas causam danos, ou que medidas sanitárias são formas de controle político, não nasce do desconhecimento puro e simples, mas da reorganização simbólica de informações dentro de um quadro afetivo e identitário. Da mesma forma, a reinterpretação histórica promovida por grupos revisionistas — como no caso de discursos que relativizam ou negam violações de direitos humanos — evidencia como a desinformação mobiliza as representações sociais para reconstruir o passado à luz de interesses ideológicos contemporâneos.

Além disso, as plataformas digitais ampliam significativamente o alcance e a velocidade de disseminação dessas representações, contribuindo para a sua naturalização e cristalização no imaginário coletivo. O engajamento em torno de conteúdos falsos está, muitas vezes, relacionado à necessidade de pertencimento a grupos sociais e identitários que compartilham símbolos comuns, o que reforça o caráter afetivo das representações sociais. A adesão a essas narrativas, portanto, não é apenas um ato cognitivo, mas também emocional e relacional.

Desse modo, a Teoria das Representações Sociais oferece um aporte indispensável para compreender a eficácia simbólica das *fake news*. Mais do que questionar a veracidade de uma informação, torna-se necessário entender os sentidos que ela mobiliza, os vínculos afetivos que ativa e as estruturas coletivas de pensamento que atualiza. Esse olhar psicológico-social permite ir além da análise do conteúdo falso, alcançando os processos pelos quais os sujeitos constroem significados que orientam sua visão de mundo, suas atitudes sociais e suas práticas políticas.

2.6 Brasil Paralelo e a construção estratégica de sentido

A escolha da produtora Brasil Paralelo como objeto de análise justifica-se por sua atuação expressiva no ecossistema informacional brasileiro, especialmente no contexto da desinformação digital. Fundada em 2016, a empresa tem se destacado por produzir conteúdos com forte apelo emocional, narrativas revisionistas e uma perspectiva ideológica alinhada à direita conservadora. Seus documentários e materiais educacionais circulam amplamente nas redes sociais e em plataformas de vídeo, atingindo milhões de usuários e influenciando o debate público sobre temas como política, história e ciência.

Diversas reportagens jornalísticas e decisões institucionais têm questionado a atuação da produtora no campo da informação. Em 2022, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) determinou a desmonetização do canal Brasil Paralelo no *YouTube*, por disseminação de conteúdos considerados enganosos no contexto eleitoral (UOL Notícias, 2022). Em 2024, a empresa foi alvo de denúncia do deputado federal Guilherme Boulos ao Ministério Público Federal, por supostas distorções históricas em cursos veiculados em escolas privadas (UOL Notícias, 2024). No ano seguinte, em 2025, a Advocacia-Geral da União ingressou com ação judicial contra a Brasil Paralelo, acusando-a de promover desinformação em um documentário sobre o caso Maria da Penha, com omissão deliberada de dados oficiais (O POVO, 2025; UOL Notícias, 2025).

Além das controvérsias jurídicas, análises críticas apontam que os conteúdos da Brasil Paralelo operam por meio de estratégias narrativas específicas, como a seleção enviesada de fontes, uso recorrente de linguagem emotiva e construção de antagonismos simbólicos. Tais recursos favorecem a criação de um imaginário coletivo que reforça visões ideológicas, ressignifica fatos históricos e compromete o princípio da pluralidade informacional (*Intercept Brasil*, 2024; *Wikipédia*, 2025). O caráter pseudodidático dos materiais, por vezes apresentados como “educativos”, favorece a inserção desses conteúdos em ambientes

formais de ensino, sem que haja necessariamente um crivo crítico ou científico sobre sua validade.

Nesse sentido, a Brasil Paralelo configura-se como um caso exemplar de como a produção de conteúdo no ambiente digital pode atuar na desinformação de maneira sofisticada, não apenas pela circulação de inverdades, mas principalmente pela construção estratégica de sentidos. Sua atuação evidencia os desafios contemporâneos para a educação informacional e para a formação crítica dos sujeitos em uma sociedade marcada pela fragmentação das fontes de autoridade e pela disputa simbólica por narrativas hegemônicas.

O conteúdo da Brasil Paralelo opera dentro de um campo simbólico estratégico (Bourdieu, 1989), onde a disputa não se dá apenas por fatos, mas pela legitimidade de narrativas. Ao mobilizar valores como patriotismo, família e liberdade, seus conteúdos são facilmente assimilados por grupos com predisposições ideológicas alinhadas, apoiando-se em representações sociais já estruturadas. A análise da performatividade desses discursos, portanto, exige um olhar interdisciplinar que une as lentes da Ciência da Informação e da Psicologia Social, pois permite compreender tanto os mecanismos informacionais de produção e circulação dessas narrativas quanto os processos cognitivos e afetivos que orientam sua recepção, ressignificação e incorporação pelos sujeitos. Trata-se de desvendar como a informação, ao se tornar representação social, transforma-se em instrumento de construção simbólica da realidade e de formação de identidades coletivas.

3 Procedimentos Metodológicos

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com delineamento descritivo e exploratório, por se tratar de uma investigação voltada à compreensão dos sentidos e estratégias discursivas presentes em conteúdos produzidos e disseminados por meio de plataformas digitais. A escolha metodológica

se justifica pela complexidade simbólica do objeto de pesquisa, que exige uma aproximação interpretativa, voltada à análise dos significados atribuídos pelos sujeitos às informações consumidas. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos em seus contextos naturais, reconhecendo a multiplicidade de significados e a profundidade dos processos socioculturais envolvidos, o que a torna especialmente adequada para o estudo de práticas comunicacionais, como a desinformação e a circulação de *fake news*.

A investigação se inscreve dentro do paradigma interpretativo-construtivista, o qual compreende a realidade social como construída pelas interações humanas e mediada por símbolos, linguagens e práticas culturais. Este paradigma reconhece o papel ativo do pesquisador e dos sujeitos na construção dos significados, admitindo a subjetividade como parte constitutiva do processo de produção do conhecimento (Denzin & Lincoln, 2006). Assim, mais do que buscar a verificação de hipóteses, a proposta metodológica deste trabalho visa interpretar como os discursos analisados operam simbolicamente, influenciam percepções e estruturam visões de mundo.

O corpus da pesquisa é composto por vídeos, documentários e materiais educativos produzidos pela empresa Brasil Paralelo, com especial atenção àqueles que abordam temas ligados à psicologia, subjetividade e identidade. A seleção dos materiais considerou critérios como o alcance do conteúdo nas redes sociais, a repercussão pública e a presença de elementos discursivos com potencial desinformativo. Trata-se, portanto, de um recorte intencional, guiado pelo princípio da relevância simbólica e pelo alinhamento com os objetivos da pesquisa.

A análise do corpus será conduzida por meio de duas estratégias complementares: a análise de conteúdo qualitativa e a análise de discurso. A análise de conteúdo, conforme proposta por Weber (1990) e Neuendorf (2016), permite a categorização sistemática

dos temas, símbolos e estratégias linguísticas presentes nos materiais, facilitando a identificação de padrões narrativos, dispositivos retóricos e categorias afetivas que sustentam a construção simbólica dos discursos. Já a análise de discurso amplia essa abordagem ao considerar os contextos sociais, históricos e ideológicos em que os enunciados são produzidos, permitindo examinar como os discursos da Brasil Paralelo performam sentidos e constroem realidades sociais por meio da linguagem.

Para garantir o rigor analítico, o processo de codificação do conteúdo será realizado de forma iterativa e reflexiva. Inicialmente, os materiais serão transcritos e lidos em profundidade, de modo a permitir a imersão do pesquisador nas narrativas. Em seguida, serão identificadas categorias emergentes de análise, que serão agrupadas e refinadas ao longo do processo interpretativo. A validação da codificação será feita por meio da comparação intercodificador, garantindo maior confiabilidade à análise. As categorias serão interpretadas à luz de referenciais teóricos extraídos da Ciência da Informação — especialmente aqueles que tratam da circulação da informação e das práticas de desinformação — e da Psicologia Social, com ênfase na Teoria das Representações Sociais.

A articulação entre esses dois campos do saber é central para a abordagem metodológica adotada. A Ciência da Informação oferece ferramentas conceituais para compreender os fluxos informacionais, a mediação tecnológica e os processos de apropriação da informação no ambiente digital, enquanto a Psicologia Social permite analisar como esses conteúdos são internalizados pelos sujeitos, transformando-se em crenças, afetos e atitudes. Nesse sentido, a análise dos dados será orientada por uma perspectiva interdisciplinar, que busca compreender não apenas o que é dito, mas como e por que certos discursos ganham adesão social.

Ao longo da análise, serão consideradas também as estratégias emocionais e

performativas dos conteúdos estudados, com atenção à maneira como apelam a valores como liberdade, patriotismo, moralidade e identidade nacional. Esses elementos, quando ativados por meio de estruturas discursivas eficazes, reforçam representações sociais já existentes e contribuem para a cristalização de narrativas ideologicamente orientadas. A combinação entre análise de conteúdo e análise de discurso permite, portanto, uma investigação robusta dos mecanismos simbólicos que sustentam a produção e circulação de desinformação, evidenciando as interações entre linguagem, cognição e ideologia.

3.1 Universo do Estudo

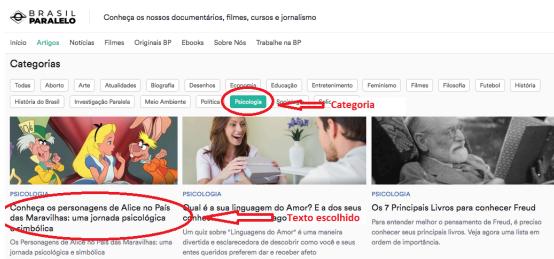
O universo da pesquisa é composto pela plataforma digital da Brasil Paralelo, produtora audiovisual criada em 2016 e reconhecida por seu posicionamento ideológico conservador. A empresa tem expandido sua atuação, oferecendo cursos e conteúdos didáticos voltados ao ensino básico, muitos dos quais são direcionados às escolas públicas e privadas. Seus materiais visam reinterpretar temas da história, política e ciências humanas por meio de uma abordagem que frequentemente simplifica conceitos complexos e reconfigura saberes científicos sob uma perspectiva ideológica. Segundo Araújo e Prior (2021), a atuação de agentes como a Brasil Paralelo pode ser compreendida como uma forma de disputa simbólica por hegemonia narrativa nas esferas pública e digital.

A escolha da categoria “Psicologia” na plataforma não foi aleatória: além da afinidade do pesquisador com a área, o campo psicológico se mostra estratégico para a compreensão de mecanismos afetivos de manipulação da opinião pública e para a análise crítica da circulação de desinformação. Assim, a Psicologia foi tomada como objeto específico de análise dentro da lógica de produção de conteúdos que buscam performar científicidade, mesmo quando descolados de bases teóricas consistentes.

3.2 Procedimentos de Coleta de Dados

Na categoria “Psicologia”, foram selecionados de forma aleatória dois artigos, dos 14 existentes (Figura 1).

Figura 1: Escolha de categoria na plataforma Brasil Paralelo



Fonte: Página Brasil Paralelo (2025).

Este estudo dedicou-se a analisar, de maneira aprofundada e qualitativa, conteúdos selecionados da plataforma Brasil Paralelo, especificamente da categoria “Psicologia”. Para isso, optou-se por selecionar, de forma aleatória, dois artigos dentre os 14 disponíveis nesta seção, intitulados “Alice: a Busca pela Identidade e o Confronto com o Inconsciente” e “O que é o Sentimentalismo? Entenda como isso pode facilitar a manipulação das pessoas”. A escolha por esses textos teve como objetivo principal a identificação de informações falsas e potenciais mecanismos que contribuam para a geração e circulação de *fake news*.

A decisão de limitar a análise a dois artigos específicos deveu-se a critérios operacionais e metodológicos, sobretudo relacionados à natureza da análise qualitativa empreendida, que requer um exame detalhado e minucioso de cada texto. Esse tipo de abordagem demanda uma leitura extensiva, reflexiva e uma categorização rigorosa dos conteúdos, tornando inviável a análise simultânea de um volume maior de materiais sem prejuízo da profundidade e qualidade da interpretação. A seleção dos artigos seguiu critérios rigorosos, definidos para garantir a pertinência e a consistência do corpus investigado.

Os critérios de inclusão estabelecidos contemplaram artigos publicados no site oficial da Brasil Paralelo, especificamente na seção “Psicologia”. Além disso, foram considerados apenas textos que apresentassem um conteúdo analítico, interpretativo ou argumentativo, relacionado a fenômenos sociais, subjetivos ou políticos, que pudessem dialogar diretamente com as temáticas da desinformação e da performatividade discursiva. Por outro lado, os critérios de exclusão foram igualmente delimitados, eliminando-se artigos de caráter puramente descritivo, promocional ou que não apresentassem interface clara com as problemáticas centrais da pesquisa, tais como *fake news* e estratégias discursivas associadas. Ademais, foram desconsiderados conteúdos situados fora da categoria temática de Psicologia, garantindo a coerência temática e o foco da análise.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, seguindo a sistematização clássica e amplamente reconhecida proposta por Bardin (2011). Esta técnica metodológica é particularmente adequada para estudos qualitativos que buscam interpretar discursos, mensagens e textos em profundidade, ao possibilitar a decomposição dos materiais em unidades significativas, que revelam estruturas subjacentes, padrões recorrentes e sentidos latentes que não são imediatamente evidentes em uma leitura superficial ou meramente descritiva. Essa abordagem metodológica permite acessar as dimensões simbólicas e discursivas do conteúdo, fundamentais para a compreensão da circulação de desinformação em ambientes digitais.

O procedimento metodológico foi rigorosamente estruturado e seguiu as três fases fundamentais indicadas por Bardin (2011), a saber: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos seguido da interpretação dos dados.

Na fase de pré-análise, procedeu-se a uma leitura flutuante e exploratória dos dois textos selecionados, com o objetivo principal de

promover um primeiro contato abrangente com o corpus de estudo. Essa etapa inicial teve um papel crucial, pois permitiu ao pesquisador formular hipóteses preliminares acerca dos conteúdos e estabelecer critérios claros e consistentes para a codificação posterior. Durante essa fase, também foram realizadas atividades fundamentais de organização do material documental, incluindo a identificação das fontes dos textos, sua formatação para facilitar o processo de análise e a delimitação das unidades de contexto — que, nesse caso, compreenderam desde parágrafos completos até blocos argumentativos autônomos, capazes de expressar um sentido próprio e relevante para os objetivos da pesquisa.

Na segunda fase, denominada exploração do material, ocorreu a etapa central de codificação das unidades de registro. Estas unidades consistem em segmentos textuais relevantes para a pesquisa, que variaram desde sentenças isoladas, passando por parágrafos, até blocos discursivos mais extensos, escolhidos em função da densidade informacional e do potencial interpretativo. O processo de codificação seguiu dois eixos principais, orientando a sistematização e análise dos dados.

O primeiro eixo, relativo à estrutura das *fake news*, buscou identificar os elementos textuais e discursivos que comumente compõem conteúdos desinformativos. Entre esses elementos destacaram-se o uso recorrente de apelos emocionais, que buscam mobilizar o leitor por meio de afetos como medo, indignação e comoção; o emprego de linguagem de autoridade ou referências pseudocientíficas que conferem uma aparência de legitimidade e confiabilidade ao conteúdo; distorções, omissões e manipulações de dados e fatos que comprometem a veracidade e a integridade das informações; generalizações excessivas, que têm o efeito de transformar casos pontuais em verdades universais e incontestáveis; e, finalmente, dicotomias morais simplistas que apresentam o mundo dividido em “bem versus mal” ou “verdadeiros

versus manipulados”, reduzindo a complexidade do debate e polarizando opiniões de forma rígida.

O segundo eixo de codificação referiu-se à performatividade discursiva, conceito que enfatiza a capacidade da linguagem não apenas de representar a realidade, mas de construí-la e performar ações no mundo social (Austin, 1990; Butler, 2015). Essa dimensão da análise concentrou-se em aspectos pragmáticos do discurso, buscando compreender o que os textos fazem ao serem lidos, seja persuadir, incitar, dividir ou manipular o público. Foram analisadas, ainda, as repetições de fórmulas linguísticas, utilizadas como estratégia para reforçar crenças já estabelecidas; a produção de efeitos de verdade, que naturalizam determinadas interpretações, tornando invisíveis seus pressupostos ideológicos subjacentes; e os modos específicos de interpelação do sujeito-leitor, que é convocado a assumir uma posição definida dentro da narrativa, seja como vítima da suposta manipulação midiática ou como sujeito “despertado” para a verdade escondida.

Na terceira e última fase, dedicada ao tratamento dos resultados e à interpretação dos dados, os conteúdos codificados foram organizados em categorias temáticas, o que facilitou uma análise transversal entre os dois textos. Esse momento constituiu-se em uma leitura crítica e interpretativa dos dados, que se deu à luz do referencial teórico adotado pela pesquisa, principalmente nos campos da Ciência da Informação e da Psicologia Social, com foco nas dinâmicas de circulação da desinformação e seus efeitos subjetivos nos indivíduos e grupos sociais.

O resultado desse processo analítico evidenciou que os artigos da categoria “Psicologia” da Brasil Paralelo não apenas veiculam conteúdos marcados por uma forte carga ideológica sob a aparência enganosa de neutralidade analítica, mas também empregam dispositivos linguísticos e estruturais típicos das *fake news*. A performatividade discursiva observada nesses

textos emerge como um vetor decisivo para sua eficácia comunicativa, ao mobilizar afetos, reforçar crenças pré-existentes e operar com padrões retóricos que naturalizam certas interpretações da realidade, ocultando os interesses e pressupostos ideológicos que as fundamentam.

Por fim, destaca-se que os critérios de codificação desenvolvidos foram consolidados em uma matriz analítica, que representa uma contribuição metodológica importante para este e futuros estudos, pois permite ampliar a possibilidade de análises comparativas e a replicação do método em diferentes contextos de pesquisa.

4 Considerações Finais ou Parciais

A análise realizada ao longo deste estudo permite compreender com maior profundidade como a plataforma Brasil Paralelo se insere em um ecossistema informacional muito mais amplo, caracterizado pela circulação intensa de desinformação digital, na qual as *fake news* ocupam um papel central e estratégico enquanto dispositivos discursivos. É importante destacar, neste momento, que ao longo do trabalho os termos “desinformação” e “*fake news*” foram utilizados frequentemente de forma quase intercambiável, em função do objeto empírico analisado — os conteúdos produzidos pela Brasil Paralelo que apresentam características típicas de ambos os fenômenos. Contudo, é fundamental esclarecer que as *fake news* configuraram uma categoria específica dentro do campo mais abrangente da desinformação. Conforme destacam Wardle e Derakhshan (2017), a desinformação compreende um conjunto diverso de práticas comunicacionais, que vão desde a fabricação intencional de notícias falsas (*fake news* propriamente ditas) até conteúdos enganosos, mal contextualizados ou mesmo manipulados. O impacto destes conteúdos não se dá exclusivamente pela veracidade dos fatos apresentados, mas também e principalmente pela forma como eles circulam e são

recepionados em ambientes sociotécnicos específicos.

A atuação da Brasil Paralelo constitui um exemplo emblemático desse entrelaçamento entre a disseminação de *fake news* e o emprego de estratégias sofisticadas de desinformação. De acordo com Dias (2019), a produtora tem desenvolvido, em suas narrativas, um conjunto de “historiografias-midiáticas” que se dedicam a deslegitimar discursos hegemônicos tradicionalmente associados ao jornalismo profissional, à produção científica e à academia. Essa construção narrativa não consiste simplesmente na fabricação de falsidades diretas, mas sim na elaboração de versões seletivas e enviesadas da realidade, que se apoiam em simplificações simbólicas, distorções conceituais e recortes cuidadosamente escolhidos. Essas estratégias discursivas mobilizam afetos e emoções de modo a reforçar visões de mundo alinhadas a determinados interesses político-ideológicos, instrumentalizando a informação como uma ferramenta de persuasão eficiente e direcionada.

Sob essa perspectiva, as *fake news* que circulam dentro dessa estrutura discursiva não devem ser entendidas como conteúdos falsos isolados e desconectados, mas sim como peças integrantes de um projeto mais amplo de construção discursiva intencionalmente enviesada, que visa consolidar sentidos e posicionamentos específicos na esfera pública. Essa dimensão estratégica é fundamental para compreender o poder e o alcance da desinformação, pois ela não opera apenas no nível da falsidade factual, mas principalmente na manipulação dos processos simbólicos de sentido.

A análise detalhada dos dois artigos selecionados para este estudo — intitulados “Alice: a Busca pela Identidade e o Confronto com o Inconsciente” e “O que é o Sentimentalismo? Entenda como isso pode facilitar a manipulação das pessoas” — revelou de forma concreta a manifestação dessas dinâmicas discursivas. Ambos os textos

se apresentam com um discurso de aparente profundidade psicológica, buscando legitimar-se como fontes de conhecimento sério e formativo. No entanto, ao longo da análise, evidenciou-se que tais conteúdos tendem à parcialidade, à ausência de rigor conceitual e a uma negação explícita da complexidade inerente aos temas abordados. Conceitos densos e multifacetados, como feminismo, ambientalismo e sentimentalismo, são reduzidos a símbolos polarizados e caricaturais, desprovidos de historicidade, pluralidade interpretativa e contextualização crítica. Essa estratégia narrativa reforça uma lógica discursiva centrada no apelo emocional, que privilegia o sentimento e a polarização em detrimento do debate racional, fundamentado e plural, o que compromete o exercício democrático do diálogo público (Sodré, 2021).

Ademais, observa-se com clareza o apagamento deliberado de contextos essenciais, a omissão sistemática de dados relevantes e a simplificação excessiva dos argumentos, reforçando o alinhamento da produção discursiva aos mecanismos estruturais da desinformação descritos por Bakir e McStay (2018). Esses autores destacam que a desinformação não se define exclusivamente pela veracidade ou falsidade dos fatos em si, mas sobretudo pela intencionalidade por trás da produção do conteúdo e pela forma particular com que ele circula nas redes e plataformas digitais. Nesse sentido, as *fake news* analisadas funcionam como expressões concentradas de uma estratégia discursiva mais ampla, que visa à reconfiguração simbólica do espaço público, na qual a autoridade científica e acadêmica é minada e desestabilizada, abrindo espaço para a promoção de um “conhecimento alternativo” marcado por fortes vieses ideológicos.

Outro elemento crucial para a compreensão do fenômeno é o papel desempenhado pelas plataformas digitais e seus algoritmos, que configuram e moldam o consumo informacional segundo critérios de engajamento afetivo e emocional. A

performatividade algorítmica — conceito abordado por Striphas (2015) e Bucher (2018) — favorece a circulação de conteúdos com maior potencial de mobilização emocional, independentemente da precisão ou da qualidade informacional desses conteúdos. Isso se relaciona à ideia da sociedade do espetáculo proposta por Debord (1997), em que a visibilidade e o impacto simbólico dos conteúdos acabam por prevalecer sobre a veracidade e a profundidade analítica. Nesse contexto, a economia da atenção, como discutida por Citton (2017) e Davenport e Beck (2001), transforma a atenção do público em um recurso valioso, que é disputado e monetizado por meio da amplificação de conteúdos sensacionalistas, polarizadores e desinformativos, ampliando exponencialmente o alcance e o impacto dessas narrativas no imaginário coletivo.

Por fim, é essencial destacar o impacto direto que essas narrativas exercem na construção das representações sociais coletivas, influenciando a percepção pública sobre temas sensíveis e estruturando crenças, atitudes e comportamentos sociais. A Brasil Paralelo, ao mobilizar estratégias discursivas que combinam a aparência de rigor científico, linguagem emocional envolvente e uma retórica de autoridade, atua como um canal eficaz de propagação de *fake news* que cumprem funções específicas dentro de um ecossistema mais complexo de desinformação. Essa atuação contribui para o enfraquecimento das mediações institucionais tradicionais do saber, como a academia, a ciência e o jornalismo profissional, e para a intensificação da polarização simbólica no ambiente digital contemporâneo. Consequentemente, esses processos comprometem não apenas a qualidade da informação disponível, mas também os fundamentos do debate democrático e da formação crítica dos cidadãos.

Assim, o presente estudo reforça a necessidade urgente de promover práticas de educação informacional e alfabetização midiática que sejam capazes de equipar os

indivíduos com competências críticas para navegar em ambientes informacionais cada vez mais complexos, marcados pela disputa simbólica e pela manipulação ideológica. Ao integrar as perspectivas da Ciência da Informação e da Psicologia Social, esta pesquisa oferece um aporte teórico-metodológico para compreender a multifacetada dinâmica das *fake news* e da desinformação, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de enfrentamento desses desafios no contexto digital contemporâneo.

5 Referências

- Abric, J.-C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In J.-C. Abric (Org.), *Práticas sociais e representações* (pp. 19–39). Vozes.
- Abric, J.-C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In P. A. R. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp. 123–147). Ed. UERJ.
- Allcott, H., & Gentzkow, M. (2017). Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, 31(2), 211–236. <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>
- Araújo, I. S., & Prior, H. (2021). Desinformação e disputa de narrativas: O papel das mídias sociais no cenário político brasileiro. *Revista Comunicação & Informação*, 24(1), 31–48. <https://doi.org/10.5216/ci.v24i1.68947>
- Ávila, C. A. A. (2019). *Desinformação, fake news e o papel das bibliotecas universitárias*. Perspectivas em Ciência da Informação, 24(3), 84–100. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/4279>
- Bakir, V., & McStay, A. (2018). Fake news and the economy of emotions: Problems, causes, solutions. *Digital Journalism*, 6(2), 154–175. <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (Edição revista e ampliada). Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação*. Relume Dumará.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Difel.
- Bourdieu, P. (1997). *O poder simbólico* (7ª ed.). Bertrand Brasil.
- Bucher, T. (2018). *If... Then: Algorithmic power and politics*. Oxford University Press.
- Capurro, R. (2003). Ética intercultural da informação. *Ciência da Informação*, 32(3), 26–35. <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v32i3.157>
- Capurro, R. (2007). Epistemologia e ciência da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 12(1), 148–163.
- Cinelli, M., Quattrociocchi, W., Galeazzi, A., Valensise, C. M., Brugnoli, E., Schmidt, A. L., ... & Scala, A. (2020). The COVID-19 social media infodemic. *Scientific Reports*, 10, 16598. <https://doi.org/10.1038/s41598-020-73510-5>
- Citelli, A. (2020). *Infoespetáculo e indústria cultural: Novas formas de dominação simbólica*. Paulus.
- Citton, Y. (2017). *The ecology of attention*. Polity Press.
- Citton, Y. (2022). *A economia da atenção: Novos modos de ler e de ouvir na era da informação*. Ubu Editora.
- Davenport, T. H., & Beck, J. C. (2001). *The attention economy: Understanding the new currency of business*. Harvard Business School Press.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo* (3ª ed.). Contraponto.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). *The Sage handbook of qualitative research* (3rd ed.). Sage.
- Demo, P. (2000a). *Educação e qualidade*. Papirus.

- Demo, P. (2000b). Educar pela pesquisa. Autores Associados.
- Dias, R. (2019). A produtora Brasil Paralelo e a construção de narrativas historiográfico-midiáticas. *E-Compós*, 22(1), 1–19. <https://doi.org/10.30962/ec.1743>
- Dias, R. T. G. (2019). Brasil Paralelo e as novas direitas: O discurso historiográfico como arma de guerra cultural. *Revista Brasileira de História da Mídia*, 8(2), 17–36.
- Floridi, L. (2010). *Information: A very short introduction*. Oxford University Press.
- Habgood-Coote, J. (2018). Stop talking about fake news! *Inquiry*, 62(9–10), 1033–1065. <https://doi.org/10.1080/0020174X.2018.1508363>
- Han, B. C. (2022). Infocracia: Digitalização e a crise da democracia. Vozes.
- Intercept Brasil. (2024, 28 de novembro). *Brasil Paralelo: o que é, o que faz e quem financia*. Intercept. <https://www.intercept.com.br/2024/11/28/brasil-paralelo-produtora-de-extrema-direita/>
- Jodelet, D. (2001). As representações sociais. Ed. UERJ.
- Melo, P., Vieira, C. C., Garimella, K., Bastos, M., & Weber, I. (2021). Effective identification of misinformation on social media: A survey. *Online Social Networks and Media*, 22, 100124. <https://doi.org/10.1016/j.osnem.2020.100124>
- Moscovici, S. (1978). A representação social da psicanálise. Zahar.
- Moscovici, S. (2003). Representações sociais: *Investigações em psicologia social* (P. Duveen, Ed.). Vozes. (Original publicado em 1961)
- Neuendorf, K. A. (2016). *The Content Analysis Guidebook*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- O POVO. (2025, 28 de março). *Brasil Paralelo é processado pela União por desinformação sobre caso Maria da Penha*. <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2025/03/28/brasil-paralelo-e-processado-pela-uniao-por-desinformacao-sobre-caso-maria-da-penha.html>
- Ribeiro, A. (2020). Plataformização da comunicação e desinformação: Algoritmos, bolhas e performatividade. *Revista ECO-Pós*, 23(2), 35–54.
- Seixas, C. M. (2017). Metodologia da pesquisa em comunicação. Contexto.
- Sodré, M. (2021). A sociedade incivil: Mídia, desinformação e política. Vozes.
- Striphas, T. (2015). Algorithmic culture. *European Journal of Cultural Studies*, 18(4–5), 395–412. <https://doi.org/10.1177/1367549415577392>
- Tucker, J. A., Guess, A., Barbera, P., Vaccari, C., Siegel, A., Sanovich, S., ... & Nyhan, B. (2018). Social media, political polarization, and political disinformation: A review of the scientific literature. Hewlett Foundation.
- UOL Notícias. (2022, 18 de outubro). *TSE desmonetiza Brasil Paralelo e intimida Carlos Bolsonaro por fake news*. <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/18/tse-desmonetiza-brasil-paralelo-e-intima-carlos-bolsonaro-por-fake-news.htm>
- UOL Notícias. (2025, 28 de março). *Governo Lula processa Brasil Paralelo por vídeo do caso Maria da Penha*. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/03/28/governo-lula-processa-brasil-paralelo-por-video-do-caso-maria-da-penha.htm>
- Van Dijck, J., Poell, T., & De Waal, M. (2018). *The platform society: Public values in a connective world*. Oxford University Press.
- Ventura, L. (2020). A guerra das fake news: A disputa da verdade no Brasil

- contemporâneo. Estação das Letras e Cores.
- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Council of Europe.
- Weber, R. P. (1990). *Basic content analysis* (2nd ed.). Newbury Park, CA: Sage.
- Weidinger, L., Hutchinson, B., Heimann, M., & Nushi, B. (2021). Ethical and social risks of harm from language models. arXiv preprint.
<https://arxiv.org/abs/2112.04359>
- Wikipédia. (2025). *Brasil Paralelo*. Wikipedia.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_Paralelo